



Entrevista

Mailson da Nóbrega

Rua Tabapuã, 111 / 31 - São Paulo, SP,
Brasil - 04533-010
+55 11 3078.6830
www.mpadvisors.com.br

MP- São tantas as incertezas no ambiente político e econômico brasileiro e global que gostaríamos de iniciar com sua visão sobre o cenário internacional. Afinal, os EUA e a Europa já saíram da crise iniciada em 2008?

Parece não haver dúvida de que os EUA deixaram a crise para trás. A tese de seu declínio fracassou. Sua capacidade de se reinventar e de inovar continuam insuperáveis. Este ano, o crescimento do PIB, da ordem de 3%, é semelhante ao dos anos pré-crise. A Europa também se recupera, mas a um ritmo bem menor. Deve crescer 1% em 2014, de forma assimétrica, com os países do sul ainda em dificuldades. Mesmo assim, a reviravolta no balanço de pagamentos da Grécia, da Irlanda e de Portugal indicam que os esforços de ajuste começaram a mostrar resultados. **Muito ainda precisa ser feito, ainda há quem duvide da viabilidade do euro, mas a União Europeia conseguiu superar os prognósticos mais catastróficos, particularmente o do colapso da moeda única, que não aconteceu.** Tenho para mim que o cenário mais provável será o da permanência do euro, pois ele é parte de um processo de integração sem paralelo na história, que tem origens geopolíticas, isto é, evitar a repetição das trágicas guerras europeias.

MP- E os países emergentes? Devem continuar com altas taxas de crescimento ?

Creio que continuarão crescendo em ritmo superior ao das nações desenvolvidas. Não será, contudo, um processo uniforme. A China e a Índia, mesmo que desacelerem sua taxa de expansão, devem se manter na dianteira. **Outros, como o Brasil, que descuidaram da realização de reformas no período de bonança, devem ser os patinhos feios do grupo, ostentando taxas medíocres de crescimento.**

MP- E como esse cenário afeta o Brasil? O insistente baixo crescimento econômico e alta inflação são consequências do cenário externo como nossa presidente já insinuou?

A melhora do cenário externo é boa para o Brasil, particularmente se confirma a expectativa, cada vez mais sólida, de que a China caminha para um pouso suave e ainda sustentará taxas robustas de crescimento nos próximos anos, em torno de 7%. Quanto ao baixo crescimento da nossa economia, a queda de seu potencial tem pouco a ver com o ambiente externo. **A armadilha do baixo crescimento foi construída aqui mesmo. É fruto de equívocos da política econômica, da aposta errada nos estímulos ao consumo, do desmonte da credibilidade da gestão fiscal com malabarismos e contabilidade criativa, da interferência do governo na ação do Banco Central e das desastradas intervenções na economia, incluindo mudanças bruscas de regras e o controle de preços de combustíveis, de energia e dos transportes urbanos e interestaduais.** A falta de reformas, somente agora reiniciadas com a privatização da infraestrutura de

transportes, e a excessiva intervenção na economia contribuíram para reduzir os ganhos de produtividade e para gerar incertezas que inibem o investimento privado.

MP- E o dólar? Nossos clientes sempre perguntam até que ponto a cotação do dólar X real pode chegar no cenário atual e consideradas as exposições anteriores?

É sempre difícil fazer prognósticos sobre a taxa de câmbio, particularmente neste momento de transição na economia mundial. No front doméstico, há incertezas sobre eventual racionamento de energia. Não há segurança de que o governo cumprirá as promessas de ajuste fiscal, recentemente anunciadas e como reagirão as agências de classificação de risco, isto é, se o rating do Brasil será mantido ou rebaixado. Meu cenário é o de normalização da política monetária americana sem sobressaltos nem grande volatilidade. A China dificilmente enfrentará um pouso forçado. **Se for assim e considerando que uma forte depreciação do real pioraria tanto a inflação quanto a situação da Petrobras, o mais provável é que o governo mantenha intervenções no mercado cambial para evitar forte volatilidade e uma aguda desvalorização.** A taxa de câmbio deve, assim, caminhar para um nível em torno de R\$ 2,45/USD no final do ano.

MP- E a bolsa brasileira? A recente aproximação do governo ao empresariado para ganhar credibilidade nos mercados pode trazer resultados concretos e beneficiar a bolsa?

Creio que 2014 deve ser mais um ano desfavorável para a bolsa. O baixo crescimento e as incertezas não ajudam. Acredito que dificilmente os ensaios de aproximação do governo com o empresariado mudarão o quadro. A recuperação de credibilidade perdida nem sempre acontece no mesmo período de governo. O estrago é grande. Imagino que as atenções vão estar crescentemente focalizadas nas eleições presidenciais. A vitória de Dilma, até aqui tida como o cenário mais provável, não mudará o clima em relação à bolsa e pode até piorá-lo, caso se perceba que um segundo mandato seria do tipo "mais do mesmo". **Se o desenrolar da campanha sinalizar a vitória de um candidato de oposição no segundo turno (não creio em decisão no primeiro), a percepção será de mudança drástica para melhor na gestão da economia e do país, o que poderá resultar em forte animação entre os investidores no mercado acionário.**

MP- Para terminar, como definiria, numa única palavra, o cenário atual do ponto de vista de um investidor?

Prudência.

